

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LUIZ PERSEU LEMOS DUBEUX

ESPAÇO PLURAL
ESPAÇO CULTURAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

RECIFE

2012

LUIZ PERSEU LEMOS DUBEUX

ESPAÇO PLURAL
ESPAÇO CULTURAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Trabalho Final de Graduação apresentado pelo aluno Luiz Perseu Lemos Dubeux, orientado pela Prof.^a Ms. Tereza Cristina Simis, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, como parte dos requisitos para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista.

RECIFE

2012

LUIZ PERSEU LEMOS DUBEUX

Dubeux, L. P. L.

Espaço plural: espaço cultural de arte contemporânea. / Luiz Perseu Lemos Dubeux. O Autor, 2012.

65 folhas.

Orientador (a): Tereza Cristina Simis

Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã. Trabalho de conclusão de curso, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Arquitetura 2. Cultura 3. Projeto de Espaços Culturais 4. Arte.

72 CDU (2ªed.)

72 CDD (22ª ed.)

Faculdade Damas

TCC 2013-155

ESPAÇO PLURAL

ESPAÇO CULTURAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Trabalho Final de Graduação apresentado pelo aluno Luiz Perseu Lemos Dubeux, orientado pela Prof.^a Ms. Tereza Cristina Simis, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, como parte dos requisitos para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Mestra Mércia Carréra

Arquiteto Robson Canuto

Prof. Mestra Tereza Cristina Simis

RECIFE
2012

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela constante proteção e força que tive durante este trabalho. Aos meus pais Rosana e Luis Fernando que sempre estão ao meu lado e que são responsáveis pela minha formação, princípios e valores.

Agradeço a minha irmã Fernanda pelo apoio e companheirismo que recebi no decorrer da minha caminhada. Também ao meu avô Perseu que é um exemplo de pessoa a ser seguido, a quem devo grande gratidão e respeito pelo conhecimento adquirido. Agradeço também aos demais familiares pelo apoio, confiança e carinho depositados em mim.

Aos amigos pela força e contribuição direta ou indireta neste trabalho de graduação. À minha orientadora, Tereza Simis, e a coordenadora do curso de arquitetura da Faculdade Damas, pela paciência, dedicação e confiança no decorrer deste trabalho. Aos meus professores, pelos momentos de convivência e aprendizado durante a minha formação acadêmica.

“Tenham a sensibilidade de fazer com que a arquitetura possa de alguma forma ter algo a dizer”. Vila Nova Artigas.

RESUMO

Neste Trabalho de Graduação é visto as etapas projetuais para a elaboração de um Anteprojeto Arquitetônico de um Espaço Cultural, com vista a relação da Arte contemporânea e do espaço funcional, bem como os desafios requisitados para os novos programas de necessidades, a ortogonalidade da racionalização espacial, facilitando a previsão de expansão e acréscimo, e conseqüente desenvolvimento sustentável.

No intuito de criar um Espaço Cultural | Plural, cuja proposta arquitetônica possa contribuir para atender as necessidades relacionadas a uma arquitetura que a identifique e divulgue a cultura local para que assim possa ser internacional.

Palavras-chave: Arquitetura, Projeto de Espaços culturais, cultura e Arte.

ABSTRACT

In the graduation work, we see the project steps for the preparation of a architectural preliminary draft of a Cultural Space, overlooking the relationship between the contemporary art and function space, as well as the challenges required for new programs needs, the orthogonality of spatial rationalization, facilitating the prediction of expansion and addition, and subsequent sustainable development.

In order to create a Cultural|Plural Space, whose architectural proposal will contribute to meet the needs related to an architecture that identify and spread local culture so that it can be international.

Keywords: Architecture, cultural spaces project, culture and art

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Galeria Nacional de Berlim.	11
FIGURA 02: Fundação Cartier, Paris.	12
FIGURA 03: Museu de Arte Figge, Iowa.	12
FIGURA 04: Museu de Guggenheim, Nova York.	13
FIGURA 05: Galeria de Arte Adriana Varejão, em Brumandino, MG.	14
FIGURA 06: Planta Baixa térreo da Galeria de Arte Adriana Varejão.	15
FIGURA 07: Planta Baixa primeiro pav. Galeria de Arte Adriana Varejão.	15
FIGURA 08: Corte transversal da Galeria de Arte Adriana Varejão.	16
FIGURA 09: Vista do espelho d'água e passarela de acesso a galeria.	16
FIGURA 10: Vista interna da Galeria.	17
FIGURA 11: Vista do terraço cobertura da Galeria.	18
FIGURA 12: Maquete do Museu da Fundação Serralves.	19
FIGURA 13: Vista da passarela de acesso ao museu.	20
FIGURA 14: Vista lateral do Museu da Fundação Serralves.	20
FIGURA 15: Vista do terraço cobertura da galeria.	21
FIGURA 16: Planta do subsolo do Museu da fundação Serralves.	22
FIGURA 17: Planta do terréo do Museu da fundação Serralves.	22
FIGURA 18: Planta do primeiro pavimento do Museu da fundação Serralves.	23
FIGURA 19: Planta segundo pavimento do Museu da fundação Serralves.	23
FIGURA 20: Vista interna da galeria polivalente.	24
FIGURA 21: Planta Baixa do Parque Dona Lindu, com Galeria indicada.	25
FIGURA 22: Vista aérea do Parque Dona Lindu.	26
FIGURA 23: Vista do acesso a Galeria sobre marquise.	26
FIGURA 24: Vista interna da Galeria Janete Costa.	27
FIGURA 25: Vista interna da Galeria Janete costa.	27
FIGURA 26: Vista interna, detalhe da escada com acesso ao fundo.	28
FIGURA 27: Mapa da RPA 3, situando o bairro do Monteiro.	33
FIGURA 28: Situação do bairro do Monteiro na microrregião 3.1, RPA 3.	34
FIGURA 29: Fotografia aérea do bairro do Monteiro e arredores.	34
FIGURA 30: Mapa com Localização do terreno e vias.	35
FIGURA 31: Terreno marcado em vermelho e entorno.	36
FIGURA 32: Vista aérea do terreno, açude e Rio Capibaribe.	36
FIGURA 33: Terreno com marcação em vermelho.	37
FIGURA 34: Vista aérea do terreno.	37
FIGURA 35: Vista frontal do terreno.	38
FIGURA 36: Vista do terraço cobertura da galeria.	38

FIGURA 37: Vista do açude para o Terreno.	39
FIGURA 38: Vista da Rua de Apipucos em direção ao terreno a direita.	39
FIGURA 39: Residência de Gilberto Freyre.	39
FIGURA 40: Mapa referente a Lei dos Doze Bairros.	40
FIGURA 41: Objeto de estudo.	43
FIGURA 42: Mapa do Zoneamento.	44
FIGURA 43: Esquema da implantação, zoneamento e agenciamento	45
FIGURA 44: setorização e fluxos da edificação	46
FIGURA 45: Perspectiva volumétrica	48
FIGURA 46: Perspectiva volumétrica, rampa de acesso e volume lateral que arremata com pele de vidro, fazendo alusão a enquadrar a paisagem	50
FIGURA 47: Perspectiva aérea do espaço cultural	54
FIGURA 48: vista do estacionamento para o espaço cultural	55
FIGURA 49: Perspectiva da rampa de entrada	55
FIGURA 50: Perspectiva aérea do espaço cultural, lateral para o Rio Capibaribe	56
FIGURA 51: Perspectiva do hall/ foyer	56
FIGURA 52: Perspectiva do hall, a frente painel de vidro e Led e ao fundo banco/bancada	57
FIGURA 53: Perspectiva da loja com painel em vidro e Led	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
	1.1 CONCEITO DE CULTURA.....	13
	1.2 ESPAÇO CULTURAL EM MOLDE CONTEMPORÂNEO..	15
	1.3 A PLURALIDADE DOS ESPAÇOS CULTURAIS.....	16
CAPÍTULO 2	ESTUDO DE CASO.....	21
	2.1 GALERIA ADRIANA VAREJÃO, INHOTIM MG.....	21
	2.2 FUNDAÇÃO SERRALVES, PORTO PORTUGAL.....	25
	2.3 GALERIA JANETE COSTA, PARQUE DONA LINDU, RECIFE PE.....	32
	2.4 ANÁLISE COMPARATIVA E CONTRIBUIÇÕES.....	35
CAPÍTULO 3	ESTUDO DA ÁREA.....	39
	3.1 PARÂMETROS URBANÍSTICOS DA RPA 03.....	39
	3.2 ÁREA OBJETO E CONDICIONANTES LEGAIS.....	41
	3.3 CONDICIONANTES SÓCIOS- AMBIENTAIS.....	43
	3.4 NORMAS E LEGISLAÇÕES ESPECÍFICAS.....	45
CAPÍTULO 4.0	PROPOSTA - ANTEPROJETO DO ESPAÇO CULTURAL.....	47
	4.1 ÁREA DE ESTUDO E CONDICIONANTES CLIMÁTICOS	47
	4.2 IMPLANTAÇÃO E ZONEAMENTO.....	48
	4.3 PROGRAMA E DIMENSIONAMENTO.....	51
	4.4 MEMORIAL ARQUITETÔNICO	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
ANEXOS	63



INTRODUÇÃO

O mundo pós-moderno apresenta uma fragmentação do conceito de cultura, formando lacunas na relação entre o homem e o seu saber. Para se pensar em um espaço cultural compatível com a dinâmica projetual arquitetônica, se faz necessário um conhecimento da cultura local, dos anseios da comunidade, mas também da evolução do conceito de cultura que tem acontecido nos tempos atuais.

A partir de uma perspectiva que a cultura não é estática, mas pelo contrário, a cultura soma valores de seu povo, tempo e espaço, conjectura-se sobre: “quais valores os espaços culturais tem considerado?” “Os espaços culturais contemplam as mais diversas formas de exaltação cultural?”.

Na busca de uma compreensão da relação cultura e espaços culturais, observa-se uma ruptura destes conceitos, não valorizando a importância da interação entre os mesmos para a criação de um espaço que atenda a diversidade e as peculiaridades existentes na dinâmica cultural.

No Recife, além do déficit que é constituído pela carência de espaços que interliguem o conceito contemporâneo de cultura correlacionado ao espaço na qual a cultura é mostrada. os principais espaços culturais apresentam uma leitura projetual direcionada a uma determinada proposta museográfica ou possuem um acervo definido ou limitado, geram espaços adaptados e inadequados, o que impossibilitam, muitas vezes, de receber qualquer tipo de formato expositivo.

O grande diferencial do trabalho é criar um espaço cultural que transmita ao seu público o momento e exalte a cultura de forma contemporânea.

É por intermédio destes espaços culturais, que acontece de forma direta e indireta o aprendizado, o ganho de conhecimentos de acordo com o que é mostrado e do modo que é transmitido. Por esses motivos deve existir a preocupação de compatibilizar a evolução existente da cultura com a evolução nos espaços em que

ela esta inserida.

O objetivo principal é elaborar um Anteprojeto Arquitetônico de um espaço cultural que transcenda as necessidades relacionadas ao conceito de espaço cultural contemporâneo, e que este seja plural em relação a criação de espaços multifuncionais, e que assim absorva as diversas propostas culturais.

Os objetivos específicos são criar o espaço em um formato dinâmico, estando este dentro dos princípios do desenho universal, e tirar partido de novos padrões tecnológicos que possibilitem minimizar o impacto ambiental, junto a uma preocupação de desenvolver um diálogo entre a paisagem natural e o espaço edificado.

A metodologia utilizada inicialmente foi a realização de pesquisas bibliográficas para um aporte na fundamentação teórica dos conceitos que serão utilizados no decorrer do trabalho. Na etapa seguinte, foram realizados os estudos de caso, tendo como fator de escolha sua aproximação programática com a proposta defendida, bem como uma semelhança das atividades propostas.

A próxima etapa foi formada pelos estudos do bairro e do terreno, bem como uma análise de seu entorno, exaltando suas relações e interferência com a aplicação das leis e normas vigentes para a área escolhida. Por fim foram elaboradas as etapas pré-projetuais, tais como o programa de necessidades, zoneamento, setorização, fluxograma, organofluxograma e dimensionamento, que possibilitando desenvolver o Anteprojeto Arquitetônico, composto pelas plantas baixas, cortes, fachadas, memorial arquitetônico, especificações técnicas e perspectivas.

Este trabalho de graduação tem o intuito de criar um Espaço Cultural | Plural, cuja a proposta arquitetônica possa contribuir para atender as necessidades relacionadas ao conceito de um espaço cultural contemporâneo e oferecer a sociedade pernambucana uma arquitetura que a identifique e divulgue a cultura local para que assim possa ser internacional.



A pesquisa foi dividida em quatro capítulos. O primeiro são os aportes teóricos que embasaram os conceitos utilizados para a fundamentação da proposta. O segundo capítulo apresenta três estudos de caso que serviram como base de dados para elaboração da proposta. O terceiro capítulo dispõe dos estudos do terreno e entorno, bem como a legislação vigente da área a ser implantada o Espaço Cultural. O quarto e último capítulo contempla a proposta do anteprojeto do espaço cultural, encerrando com as considerações finais.



CAPÍTULO 1.0 - REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo aborda os conceitos que embasaram a proposta final deste trabalho.

1.1 CONCEITO DE CULTURA

O Brasil é um país de uma grande diversidade cultural, resultado de uma colonização feita por vários povos que aqui aportaram trazendo em sua bagagem o seu patrimônio cultural.

Assim podemos definir cultura como uma herança social, que nos integra a uma entidade étnica, incorporando a sua língua e nos dispendo a fazer as coisas de acordo com as técnicas que ela domina, a nos comportarmos segundo as normas nela consagrada e finalmente viver de acordo com seus usos e costumes. Com isso percebe-se que não podemos pensar em uma sociedade sem cultura. (LARAIA, 2000).

A cultura de uma comunidade é o conjunto de diferentes tradições, através das quais seus membros contribuem para o preenchimento de suas condições existenciais. Ramos (2011, p. 29). A cultura aqui definida, apesar de sua natureza conceitual é um conjunto de fatos diretamente percebível pelo estudo das ações humanas, segundo padrões unificados, pela observação das formas geradas, da conduta vivida conforme as normas estabelecidas, e pelas investigações das manifestações de valores, crenças e explicações contidas em sistemas simbólicos de comunicações.

Desde a antiguidade tem-se tentado explicar as diferenças de comportamento entre os homens, a partir das diversidades o homem age de acordo com os seus padrões culturais, ou seja, ele é resultado do meio em que foi socializado. Em 1871 Edward Taylor, que foi o primeiro a formular o conceito de cultura do ponto de vista antropológico, e da forma que é usado até os dias atuais, define: Cultura é o todo complexo que inclui conhecimentos, arte, costumes ou qualquer outra ação humana. (RAMOS, 2011).

Taylor enfatizou a ideia do aprendizado na sua definição de cultura e que o homem é um ser predominantemente cultural e que Graças à cultura, ele superou suas limitações orgânicas, e conseguiu sobreviver através dos tempos. (RAMOS, 2011, apud TAYLOR, 1872, p. 79).

Portanto, a cultura é um processo acumulativo. O homem recebe conhecimentos e experiências acumulados ao longo das gerações que o antecederam, e se estas informações forem adequadas e criativamente manipuladas, permitirão inovações e invenções.

Em seguida Roger Keesing, antropólogo, em seu artigo "Theories of Culture" em 1974, define cultura por uma lente através da qual o homem vê o mundo, ou seja, pessoas de culturas diferentes usam lentes diferentes e, portanto, têm visões distintas das coisas. E sintetiza defendendo que Qualquer sistema cultural está num contínuo processo de mudanças.

A cultura não deve ser entendida apenas como um modo de ser, mas também como um todo complexo de cada sociedade, como mencionado por Laraia.

Tomando em seu amplo sentido etnográfico cultura é uma trama de conhecimentos que inclui: crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos do homem como membro de uma sociedade (2006, p.25).

Ou seja, são criados parâmetros pelos quais os seres humanos se relacionam, também atua no processo de socialização, definindo valores e sentidos das ações sociais, que variam de sociedade para sociedade, uma vez que cada comunidade possui sua própria cultura.

De acordo com o pensamento de Chauí e Bosi, Ramos (2007) defende que podemos compreender a cultura por: práticas, técnicas, símbolos e valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. Complementa afirmando que a educação é o momento indispensável neste processo, o que sinaliza a importância da cultura na constituição

da sociedade e da própria identidade dos indivíduos, uma vez que é através da educação que o ser humano aprende novos conhecimentos.

Percebe-se, portanto, que a cultura em nossa sociedade é uma constante estrutural, seja nos bens materiais, nas práticas diárias, na linguagem e símbolos utilizados, e na formação dos valores de cada sociedade. Sendo que naturalmente estes valores e conhecimentos são transmitidos e modificados ao longo das gerações.

Portanto, é correto afirmar que na atualidade é possível compreender a cultura através de um conceito mais abrangente, onde todos os indivíduos e o meio são produtores de cultura, que nada mais é do que o conjunto de significados e valores dos grupos humanos, gerando atividades artísticas e intelectuais com foco na produção, distribuição e consumo de bens e serviços que conformam o sistema da indústria cultural como instrumento para o desenvolvimento político e social.

1.2 ESPAÇO CULTURAL EM MOLDE CONTEMPORÂNEO

A arquitetura dos espaços culturais têm evoluído ao longo da história, consolidando sua importância enquanto promotoras de espaços de convivência e referência para as cidades e suas diversas comunidades, capazes não só de abrigar, preservar e expor objetos, imagens ou signos representativos de uma determinada época ou local, como também, de processar, transmitir e disseminar seus princípios, características e qualidades estéticas, assim como seus valores éticos e políticos.

Existe a necessidade de que os espaços culturais contemporâneos encontrem o diálogo com a sociedade. Esta busca é de tamanha importância porque estes experimentos instigam a criar e avançar novos meios de interação, não importando se é da forma mais tecnológica, pois a questão é causar estímulos, fazer com que cada pessoa após uma visita, saia com novos pensamentos e reflexões.

Um museu deve ser ponto de honra e orgulho para qualquer comunidade ou cultura que venha a representar. Deve também ser um grande atrativo para os forasteiros que se deslocam de curtas ou enormes distâncias para ver algo original, que só ocorre naquele ponto do planeta, com força e caráter próprios. Assim podemos ver e comprovar, na atualidade, o potencial de um

museu bem idealizado e inteligente, que movimenta a economia local e coloca a cidades no mapa cultural. (FERRAZ, 2011, p.114)

Este conceito não será específico para museus e sim para qualquer tipo de proposta de um espaço cultural.

Hoje o cidadão procura novas experiências, espaços arquitetônicos sensitivos e intelectuais, que se mostrem de maneira diferenciada. Cada vez mais as pessoas querem conhecer a realidade de cada lugar, saber o que aquela região tem para mostrar, e buscam se impressionar pelo modo como estão vendo, dentro deste prisma, não se pode esquecer que os espaços culturais só serão atraentes e bons se forem em primeiro lugar honestos e verdadeiramente representativos da sua cultura e de seu meio.

A edificação de um espaço cultural deverá conter uma relação direta com a história e o local onde está inserida. É importante conciliar a teoria e a prática na proposta arquitetônica, segundo os princípios adotados por Armando de Holanda em seu livro “roteiro para construir no nordeste” que sugestiona técnicas e lições para uma edificação mais eficaz, funcional e sustentável, tirando partido do clima e situação do terreno trabalhado.

Portanto a contemporaneidade destes espaços está diretamente relacionada ao embasamento teórico, que vem muito antes da edificação tomar forma, o espaço só se torna realmente contemporâneo a partir do momento em que é atribuída a ele uma identidade, tendo assim um processo completamente firme e sólido.

Essa identidade é também adquirida quando no estudo que irá formar a edificação estiver incutido pensamentos e métodos que relacionem sua estrutura física com as peculiaridades do terreno, sendo este um elemento definidor na concepção do projeto arquitetônico, tornando-a uma construção com princípios na sustentabilidade.

1.3 A PLURALIDADE DOS ESPAÇOS CULTURAIS

O ato de projetar um espaço cultural é uma convocação para a formação da consciência sobre quem somos e onde estamos, se enquadra em um processo de

eterna construção e adição de valores. Ou seja, um confronto quanto ao passado e ao futuro. Uma convocação para a necessidade de ver de modo íntegro arte, ciência e técnica a um só tempo e espaço.

Está claro que em tempos de uma rápida comunicação, o desafio de conceber estes espaços culturais se redobra. É preciso encontrar meios de interagir cada vez mais com o espectador, seja por meio de uma nova linguagem, uma nova didática, ou até mesmo uma nova concepção, sem que haja uma regra específica, pois cada caso é ímpar, e cada tema ou assunto, demandará em soluções próprias.

A ideia de espaço cultural contemporâneo é uma proposta de um espaço aberto, livre, de fácil diálogo com espectador e com o meio, é dentro deste prisma que esta proposta será defendida.

É apenas em 1930 que o conceito de espaço cultural começa a se desprender do rigor e limitações estéticas formalistas, quando o arquiteto francês Auguste Perret propõe princípios para um museu moderno. Ele suprime o caráter de monumentalidade, mas mantém certa simetria e a organização espacial em torno de um eixo central; principalmente, propõe que um museu, além de ser um lugar para a conservação de artefatos, deve atender às condições de conforto e solidez, de modo a perdurar por gerações futuras. Paralelamente, Le Corbusier idealiza o “museu de crescimento ilimitado”, que apresenta traçado geométrico em espiral quadrada e permite ampliações sem limites, proporcionando assim soluções de flexibilidade e extensão para o edifício.

Já na década de 1940, Mies van der Rohe abre caminhos para o surgimento de novas tipologias nos projetos desses espaços. Pouco depois na década de 60 é realizado o projeto da Galeria Nacional de Berlim (Fig.01). Conhecida por ser o templo da luz e do vidro, é uma obra que está a frente do seu tempo, tirou partido de materiais não usuais, expos seu lado interior para fora de modo que o espaço se mostra convidativo. Um outro ponto que vale ser ressaltado é o uso eficaz do vidro que resultou em uma iluminação natural, bem como a não utilização de muros, excluindo toda e qualquer barreira do público com o espaço.



FIGURA 01: Galeria Nacional de Berlim.
FONTE: <http://www.flickr.com/photos/frodden,2012>.

A partir de então, a liberdade de criação artística chega à prancheta nos estudos arquitetônicos dos espaços culturais, concebendo seu edifício como um local de fruição estética em si próprio, e não só em função dos objetos preservados.

Estes ideais resultaram em vários outros exemplos dessa arquitetura, no que se diz respeito a espaços culturais. outra grande edificação de grande reconhecimento é a Fundação Cartier em Paris do arquiteto Jean Nouvel (Fig. 02). que se mostra por ser uma caixa translúcida vertical composta por vidro e estrutura metálica, e toda a sua circulação composta por rampas e escadas voltadas para o exterior, fazendo assim uma perfeita interação da edificação com a paisagem existente, elementos estes quem são de grande valia para a referida proposta.



FIGURA 02: Fundação Cartier, Paris.

FONTE: <http://www.arcspace.com/books/guides>, 2012

Em 2005 o exemplo da caixa translúcida e dos conceitos mencionados se repetem no Museu de Arte Figge em Iowa, concebido por David Chipperfield (Fig. 03), é composto de vidro e estrutura metálica, formando uma perfeita integração e visualização dos espaços, finalidade esta adquirida por intermédio dos grandes vãos que são de extrema necessidade neste tipo de espaço.

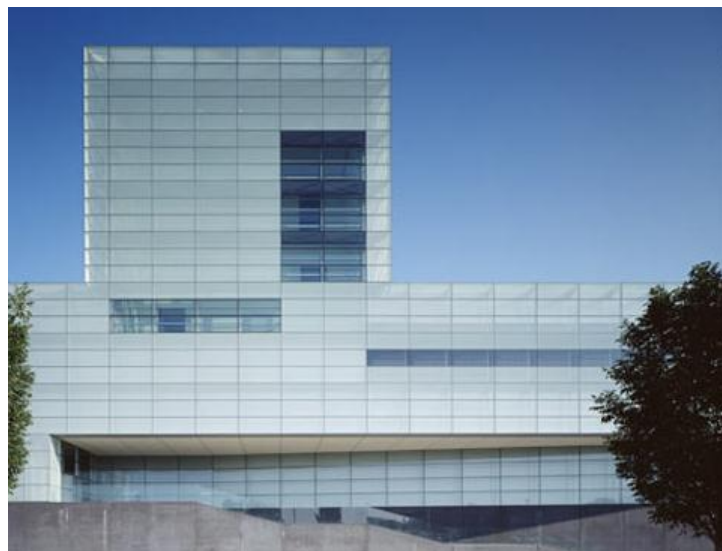


FIGURA 03: Museu de Arte Figge, Iowa.

FONTE: <http://abduzeedo.com.br/do-arquiteto>, 2012.

Analisando estes espaços culturais, um grande exemplar da tipologia defendida é o museu do Guggenheim de Frank Lloyd Wright em Nova York, (Fig. 04) construído em 1959, se tornou um marco difusor para muitos outros espaços, por dispor de

diversos elementos arquitetônicos marcantes como: cheios e vazios, escalonamento iluminação natural, integração dos espaços internos e extrema notoriedade adquirida em sua volumetria, causando o questionamento esperado em cada observador.



FIGURA 04: Museu de Guggenheim, Nova York.
FONTE: <http://mixornia.blogspot.com.br/2011/09/guggenheim-museum-nyc.html>, 2012.

Por fim o espaço que será concebido deverá seguir os princípios de uma arquitetura contemporânea, enaltecendo valores locais, e tirando partido de sua localização, como também das particularidades existentes no entorno, para que assim a edificação dialogue permanentemente com o meio.

Este capítulo abordou uma visão do conceito de cultura contemporâneo, relacionado a uma leitura moderna de espaços culturais que possuem esta mesma característica.

CAPITULO 2.0 - ESTUDOS DE CASO

Enquadrados neste conceito da contemporaneidade arquitetônica, pode-se levantar alguns espaços que de algum modo se coadunam, seja no programa, na sua forma, ou simplesmente em alguma peculiaridade encontrada.

2.1 GALERIA ADRIANA VAREJÃO - INHOTIM - MINAS GERAIS

Um lote de 35 hectares em Brumadinho, cidade localizada a 60 quilômetros de Belo Horizonte, é sede do Centro de Arte Contemporânea Inhotim, uma espécie de museu ao ar livre idealizado pelo empresário e colecionador de arte Bernardo Paz.

O centro de arte no interior mineiro reúne um dos mais preciosos acervos mundiais da arte contemporânea. Artistas de renome nacional e internacional têm obras expostas no local, que é também um parque ambiental, cujos jardins foram parcialmente idealizados por Burle Marx. Uma das construções implantadas no Centro de Arte Contemporânea Inhotim, é a Galeria Adriana Varejão (Fig.05) foi projetada pelo arquiteto Rodrigo Cerviño Lopez.



FIGURA 05: Galeria de Arte Adriana Varejão, em Brumandino, MG.
FONTE: Autor da pesquisa, 2012

O projeto é contido, a simplicidade das formas o aproxima de uma arquitetura de linguagem minimalista. Trata-se, assim, de uma composição que é, ao mesmo tempo, edificação e percurso observada da cota mais baixa do lote, a construção lembra um enorme paralelepípedo, com suas empenas cegas de concreto. Enquanto parte dessa edificação (Fig.05) parece levitar, sua outra porção aparenta aflorar da lateral, no nível mais alto do terreno. informações cedidas durante visita ao local no dia 15/06/2012.

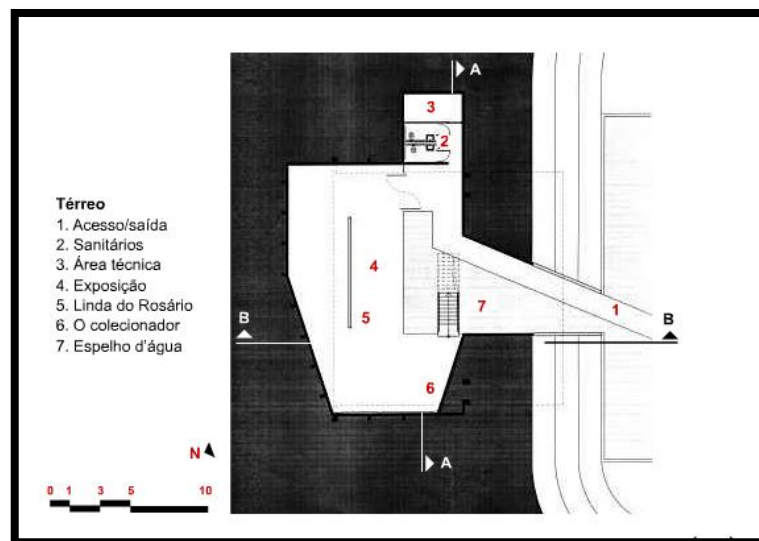


FIGURA 06: Planta Baixa térreo da Galeria de Arte Adriana Varejão.
FONTE: blog.arq.com,2012

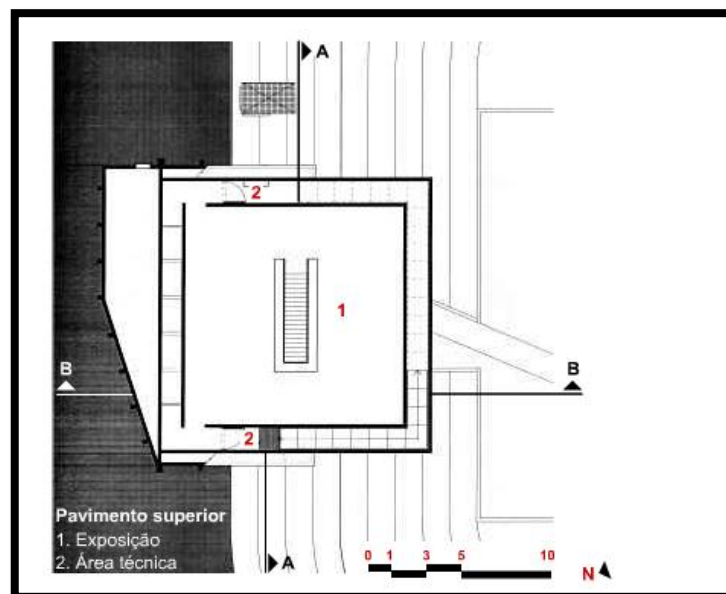


FIGURA 07: Planta Baixa primeiro pav. Galeria de Arte Adriana Varejão.
FONTE: blog.arq.com,2012

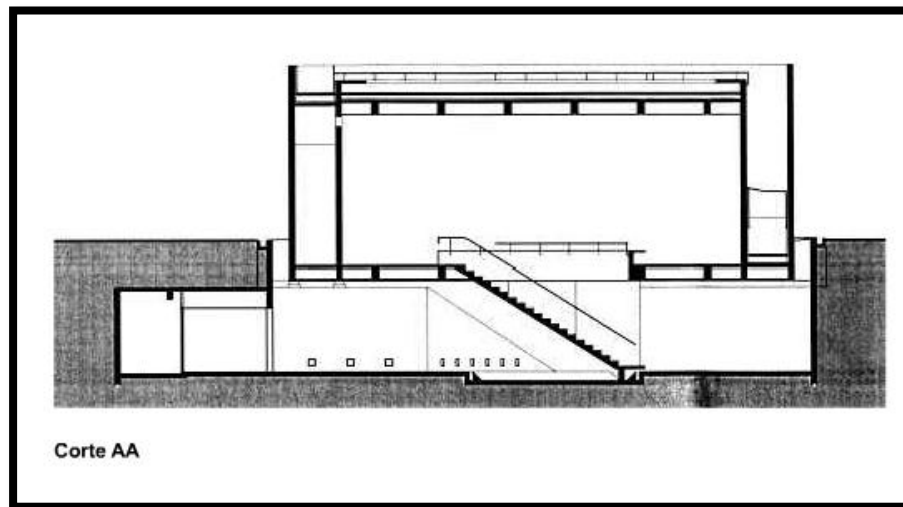


FIGURA 08: Corte transversal da Galeria de Arte Adriana Varejão, mostra parte da edificação semienterrado e pé direito no primeiro pavimento, neste contem grande obra da artista
FONTE: blog.arq.com,2012

A galeria possui piso térreo, pavimento superior e cobertura, todos eles pensados para abrigar obras específicas criadas por Adriana Vareijão. O piso térreo possui uma planta menos regular que a do primeiro andar, existe apenas uma grande escultura e uma grande tela, em seguida a escada é envolvida por um espelho d’água que avança para o interior da edificação, (Fig.09) fazendo com que a galeria esteja em plena harmonia com a ambiência existente.



FIGURA 09: Vista do espelho d’água e passarela de acesso a galeria.
FONTE: Autor da pesquisa, 2012.

O primeiro pavimento, composto por um espaço em formato quadrado, apresenta um grande painel que banha toda a sala de exposição, provocando o sentimento de o espectador participar da obra (Fig. 10)



FIGURA 10: Vista interna da Galeria.

FONTE: <http://maisarquitetura.com.br/galeria-adriana-varejao>, 2012.

O programa da galeria se baseia nos acessos, em seguida um grande foyer, dois banheiros, duas salas de exposição e o terraço, este esta localizado na parte superior da edificação, (Fig.11) possui bancos para vislumbrar a reserva florestal existente no entorno.

O arquiteto tirou partido do uso genuíno do material, tendo todas a paredes estruturais formando uma construção monolítica, a edificação é interna e externamente constituída por placas de concreto, expondo assim a verdade dos materiais.



FIGURA 11: Vista do terraço | cobertura da Galeria.
FONTE: Autor da pesquisa. 2012.

A galeria é composta por apenas 558,00 m², que resulta em um espaço com uma proposta completamente diferenciada, reunindo em seu contexto alguns pontos cruciais como: fluidez espacial, acessos bem definidos, e uma perfeita integração dos espaços interno / externo. Estes espaços hoje buscam traduzir a modernidade e a tecnologia dentro e fora de sua edificação, tirando partido dos mais diversos artifícios.

2.2 FUNDAÇÃO SERRALVES, PORTUGAL

A Fundação de Serralves é uma instituição cultural de âmbito europeu ao serviço da comunidade nacional, que tem como missão agregar o público para a arte contemporânea e o ambiente, através do Museu de Arte Contemporânea como centro pluridisciplinar, do Parque como património natural, vocacionado para a educação como centro de reflexão e debate sobre a sociedade contemporânea.

A Fundação está implantada na Quinta de Serralves no Porto, Portugal, onde junto a ela existem várias edificações que são circundadas por um grande parque. O projeto é de Álvaro Siza Vieira

A construção foi erguida em uma parte do terreno não arborizada e próxima à grande avenida que corta a área, facilitando o ingresso de visitantes. O projeto de Siza desenvolve-se ao longo de um eixo longitudinal, orientado na direção norte-sul.

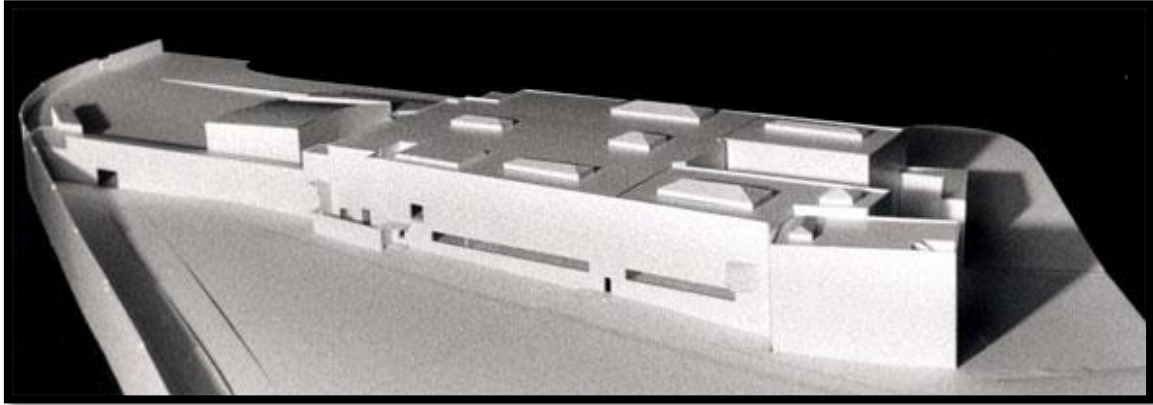


FIGURA 12: Maquete do Museu da Fundação Serralves.

FONTE: <http://www.serralves.pt/gca/index.php?id=61>, 2012.

O prédio tem um corpo principal, do qual partem duas alas assimétricas em direção ao sul, com um pátio entre ambas. Orientado para o norte, existe um outro volume, em forma de “L”, que cria com o bloco principal um segundo pátio, situado exatamente na zona de acesso do público.

O Museu é dividido em três pisos, sendo eles caracterizados por um duplo pé direito que variam conforme as salas. O acesso a todos os ambientes encontra-se facilitado a partir de um átrio quadrado situado perto da entrada. Construído de forma longitudinal o museu dispõe de 14 salas de exposições e espaços para reservas de obras de arte.

Exteriormente, o edifício é definido por superfícies verticais cobertas de pedra e estuque (Fig.13). A cota superior das paredes se mantém em nível constante, criando um diálogo com o entorno e com o ambiente natural, enquanto a parte inferior acompanha as variações do terreno.



FIGURA 13: Vista da passarela de acesso ao museu.

FONTE: <http://www.serralves.pt/gca/index.php?id=61>, 2012.



FIGURA 14: Vista lateral do Museu da Fundação Serralves, a observar os respectivos volumes e o seu escalonamento .

FONTE: <http://www.serralves.pt/gca/index.php?id=61>, 2012.

O nível mais elevado corresponde à entrada do público no museu, através de uma abertura no muro que circunda a quinta. Essa abertura conduz a um pátio, para o qual convergem a escada e o elevador do estacionamento subterrâneo (em dois níveis), e ainda aos caminhos que ligam os diferentes jardins.

Um percurso coberto leva à bilheteria e, desta, a um segundo e amplo pátio que permite o acesso tanto ao interior do museu quanto ao foyer do auditório. Logo na entrada do museu foram colocados o balcão de informações e o foyer da recepção. Dando sequencia a um corredor que leva ao grande átrio de planta quadrada e duplo pé-direito, com iluminação zenital, situado no centro dos eixos de orientação longitudinal e transversal que definem o edifício. O átrio funciona como centro de

orientação para os vários serviços oferecidos pelo complexo.

No nível de acesso, além das salas de exposição, estão a livraria e a loja, estas podem funcionar em horários diferentes ao do museu, pois dispõem de acesso independente, no superior, café e terraço; no primeiro nível inferior, estão biblioteca, auditório e estacionamento; e, no segundo, estacionamento e pátio.



FIGURA 15: acesso ao museu com sacadas laterais.

FONTE: <http://www.serralves.pt/gca/index.php?id=61>, 2012.

As salas de exposição ocupam a maior parte do nível de acesso, estendendo-se por uma das alas do primeiro piso inferior. Elas têm diferentes características de escala, proporção, luz e tipos de aberturas, e estão conectadas por uma ampla galeria em forma de U. As portas que ligam essas salas podem ser utilizadas para criar diferentes rotas ou para organizar exposições distintas, de forma simultânea.

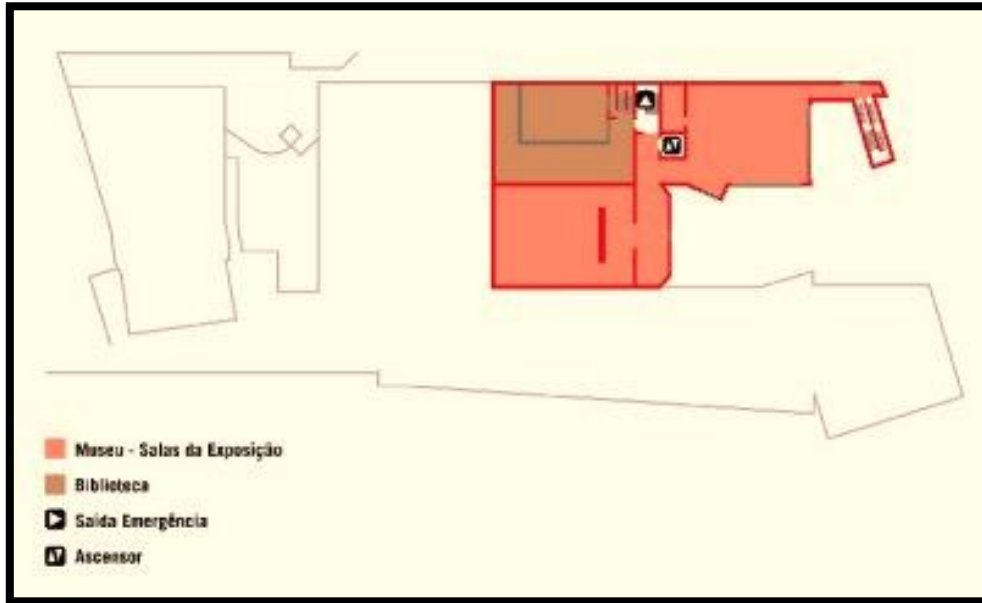


FIGURA 16: Planta do subsolo do Museu da fundação Serralves, hachura em rosa mostra as salas de exposição com vãos livres, possibilitando qualquer tipologia expositiva.

FONTE: <http://www.serralves.pt/gca/?id=70>, 2012.



FIGURA 17: Planta do terréo do Museu da fundação Serralves, hachura em laranja o auditório com foyer e hachura em rosa o mezanino sobre a área expositiva.

FONTE: <http://www.serralves.pt/gca/?id=70>, 2012.

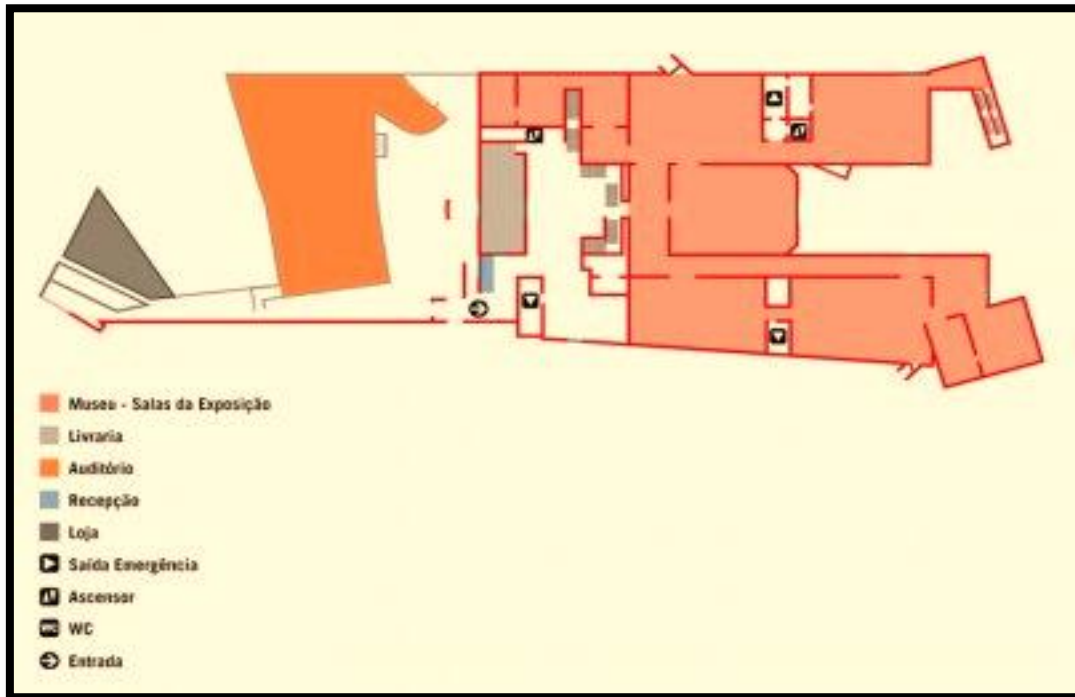


FIGURA 18: Planta do primeiro pavimento do Museu da fundação Serralves, dispõe das diversas tipografias expositivas, hachuras em rosa são as diversas salas de exposição e salas de múltiplo uso, elemento este de suma importância nesta tipologia de espaços contemporâneos.

FONTE: <http://www.serralves.pt/gca/?id=70>, 2012.



FIGURA 19: Planta segundo pavimento, hachura em cinza referente a sala de múltiplo uso .

FONTE: <http://www.serralves.pt/gca/?id=70>, 2012.

A passagem para o nível superior com café para 80 pessoas é aberta para uma esplanada e para os jardins do parque, por intermédio de escadas e elevadores localizados na galeria próxima ao átrio principal. Essa galeria se conecta ainda com duas salas polivalentes, utilizadas para as atividades educativas do museu (Fig. 20).



FIGURA 20: Vista interna da galeria polivalente.

FONTE: <http://www.serralves.pt/gca/index.php?id=61>, 2012.

No primeiro nível inferior, também com acesso por escadas e elevadores que partem da mesma galeria, foi implantado o foyer da biblioteca, que se prolonga para o exterior por meio de uma área formada por jardins. Ainda nesse piso estão os banheiros, biblioteca, foyer e auditório.

A fundação tem como objetivos essenciais a constituição de uma coleção representativa da arte contemporânea portuguesa e internacional, dispõe de uma programação de exposições temporárias, coletivas e individuais, que representem um diálogo entre os contextos artísticos nacional e internacional, assim como a organização de programas pedagógicos que ampliem o público interessado na arte contemporânea e suscitem uma relação com a comunidade local. É também objetivo da instituição desenvolver projetos com jovens artistas que permitam a afirmação das suas obras e o desenvolvimento de suas pesquisas.

FONTE: <http://www.serralves.pt/gca/?id=62>, 2012.

2.3 GALERIA JANETE COSTA, PARQUE DONA LINDU, RECIFE, PE

A Galeria Janete Costa esta situada dentro do Parque Dona Lindu, localizada na Av. Boa Viagem, bairro de Boa Viagem, em recife, Pernambuco. A mais recente galeria do estado (2011), tem o projeto assinado pelo renomado arquiteto brasileiro Oscar Niemayer.

Os dois principais equipamentos do parque, o teatro e a galeria, são marcados por duas formas cilíndricas envolvidas por uma grande marquise definindo o centro do parque. O acesso ao espaço expositivo é definido por esta marquise que direciona o publico até a porta de entrada da galeria.

Situado em uma área nobre da cidade do recife, apresenta em seu etorno uma área massificada por edifícios habitacionais. Seu programa dispõe de uma sala de exposições temporária junto a um mezanino com o mesmo uso, banheiros masculino e feminino, dml e um pequeno depósito.

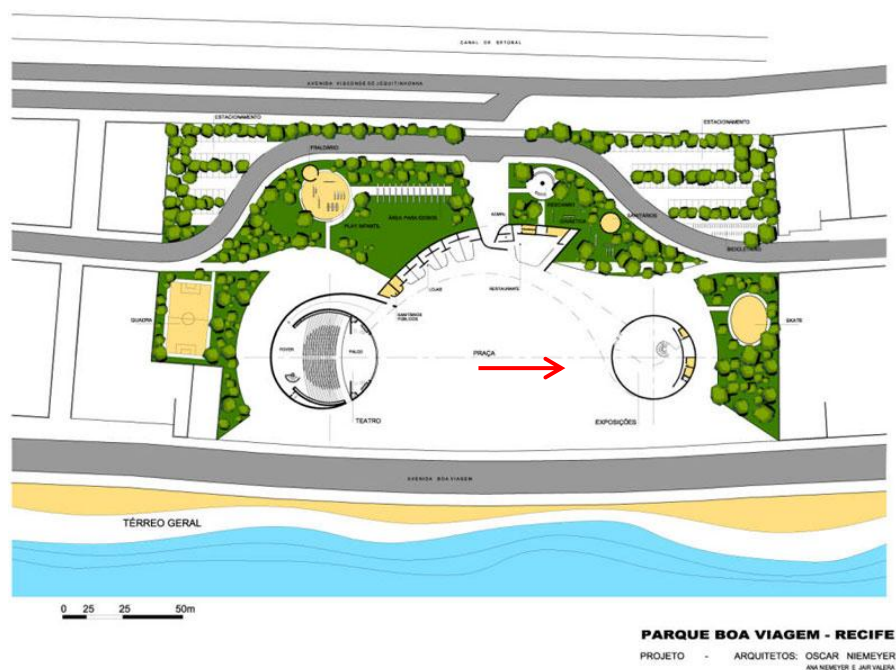


FIGURA 21: Planta Baixa do Parque Dona Lindu, com Galeria indicada.
FONTE: <http://acertodecontas.blog.br/atualidades/partidos.2012>



FIGURA 22: Vista aérea do Parque Dona Lindu.

FONTE: <http://acertodecontas.blog.br/atualidades/partidos.2012>



FIGURA 23: Vista do acesso a Galeria sobre marquise.

FONTE: Autor da pesquisa, 2012.

Da mesma forma que a sinuosa marquise (Fig. 23), segundo o arquiteto Oscar Niemeyer tem o intuito de dialogar com a onda do mar existente a frente do terreno, a edificação se fecha para o entorno, desprezando o mar a sua volta. Salientando que nenhum equipamento do museu possui aberturas ou pontos focais voltados para o mar.

A iluminação da galeria é exclusivamente artificial, pequenas paletas de PVC escondem as lâmpadas, resultando em uma iluminação geral e difusa. O piso é formado por placas cimentícias de pigmentação branca, com uma fina junta de



dilatação, dando à sensação de um espaço amplo, chamando atenção apenas para o objeto exposto.

A escada escultórica, (Fig. 24) elemento bastante encontrado na obra de Niemayer, se torna um atrativo dentro da galeria, e o Pé direito triplo reforça a ideia de monumentalidade, impressionando o visitante.



FIGURA 24: Vista interna da Galeria Janete Costa.
FONTE: Autor da pesquisa, 2012.



FIGURA 25: Vista interna da Galeria Janete costa.
FONTE: <http://acertodecontas.blog.br/atualidades.2012>.



FIGURA 26: Vista interna, detalhe da escada com acesso ao fundo.
FONTE: http://www.recife.pe.gov.galeria_janete_cost, 2012.

Como qualquer obra genuinamente contemporânea, a galeria foi projetada de acordo com os preceitos do desenho universal, sendo um espaço completamente acessível e receptor. Possui elevador possibilitando o acesso ao mezanino.

A Galeria Janete Costa transmite extremo valor a cidade do Recife, não só por ser um exemplar da arquitetura de Niemayer no estado de Pernambuco, mas também pelo fato de ser um espaço livre para receber exposições, deficit este encontrado no referente local do estudo. No entanto a Galeria possui um espaço bastante limitado, no que se diz respeito a área contruida e formato da edificação, problema este encontrado na falta de um foyer ou de demais espaços para exposição.

2.4 ANÁLISE COMPARATIVA E CONTRIBUIÇÕES

Foram analisados os seguintes pontos em cada estudo de caso:

- **Referencial de identidade**

Neste item é analisado se a edificação em questão traduz em sua morfologia algum vestígio de identidade local, solidificando ou não o espaço no ambiente inserido.

- **Programa**

Visa observar se o programa de cada estudo de caso atende as necessidades propostas de cada edificação.

- **Projeto**

Analisa se o projeto em questão corresponde a tipologias relacionadas ao terreno ou localização espacial, se tira partido do clima, iluminação e ventilação natural.

- **Acessibilidade**

Avalia se o projeto foi concebido nos parâmetros do desenho universal.

- **Contemporaneidade**

A definir que uma edificação é tida por contemporânea, pelo conjunto de atribuições acima citadas, como também a ideia de espaço cultural contemporâneo é uma proposta de um espaço aberto, livre, de fácil diálogo com espectador e com o meio.

QUADRO 01 : Tabela comparativa dos estudos de caso

	GALERIA DE ARTE ADRIANA VAREJÃO - INHOTIM / MG
REFERENCIAL DE IDENTIDADE	CONTEMPLA. O espaço foi projetado harmonizando com a paisagem já existente. A escala é proporcional ao gabarito da vegetação, havendo uma interação da massa volumétrica, resultando um diálogo constante do interior com o exterior.
PROGRAMA	CONTEMPLA. Funciona com eficácia ao programa proposto.
PROJETO	CONTEMPLA. A Galeria possui iluminação e ventilação natural, potencializando a funcionalidade do espaço, tornando uma galeria com fortes atributos de sustentabilidade.
ACESSIBILIDADE	CONTEMPLA. Todos os seus espaços foram concebidos de acordo com os critérios do Desenho Universal.
CONTEMPORANEIDADE	CONTEMPLA. Por ter espaço aberto, livre, permite a interação do diálogo o espectador com o objeto exposto.

FONTE: Autor da pesquisa, 2012.

QUADRO 02 : Tabela comparativa dos estudos de caso

	MUSEU DA FUNDAÇÃO SERRALVES, PORTO ,PORTUGAL
REFERENCIAL DE IDENTIDADE	CONTEMPLA , pois o espaço foi pensado por eixos, de acordo com o entorno e o ambiente onde esta inserido, sua escala é proporcional ao gabarito da vegetação existente, resulta em um dialogo constante com o entorno.
PROGRAMA	CONTEMPLA , cada espaço funciona com eficácia ao programa proposto
PROJETO	CONTEMPLA , de modo que a edificação vislumbra elementos como iluminação e ventilação natural, potencializando a funcionalidade do espaço.
ACESSIBILIDADE	CONTEMPLA , todos os seus espaços foram concebidos de acordo com o desenho universal.
CONTEMPORANEIDADE	CONTEMPLA , por ser um espaço aberto, livre, de fácil dialogo com o expectador e com o objeto exposto.

FONTE: Autor da pesquisa, 2012.

QUADRO 03 : Tabela comparativa dos estudos de caso

	GALERIA JANETE COSTA, PARQUE DONA LINDU, RECIFE / PE
REFERENCIAL DE IDENTIDADE	NÃO CONTEMPLA . Como todos obras de Oscar, a galeria não possui identidade ou relação alguma com o local onde esta inserido.
PROGRAMA	NÃO CONTEMPLA . A galeria não possui foyer de recepção e guarda volumes, já se entra no espaço expositivo. Por outro lado, utiliza e complementa-se, com os outros espaços do Parque Dona Lindu.
PROJETO	NÃO CONTEMPLA . A edificação ignora o entorno construído e o litorâneo, e ainda depende para seu funcionamento de energia artificial.
ACESSIBILIDADE	CONTEMPLA . Todos os seus espaços foram concebidos de acordo com os critérios do Desenho Universal.
CONTEMPORANEIDADE	CONTEMPLA . Por possuir um espaço flexível, com pé direito alto. Com forte imagem, torna-se referência urbana, característica da arquitetura expressiva de Oscar.

FONTE: Autor da pesquisa, 2012.

QUADRO 04 : Tabela geral comparativa dos estudos de caso

	GALERIA DE ARTE ADRIANA VAREJÃO - INHOTIM / MG	MUSEU DA FUNDAÇÃO SERRALVES, PORTO, PORTUGAL	GALERIA JANETE COSTA, PARQUE DONA LINDU RECIFE / PE
REFERENCIAL DE IDENTIDADE	CONTEMPLA	CONTEMPLA	NÃO CONTEMPLA
PROGRAMA	CONTEMPLA	CONTEMPLA	CONTEMPLA
PROJETO	CONTEMPLA	CONTEMPLA	NÃO CONTEMPLA
ACESSIBILIDADE	CONTEMPLA	CONTEMPLA	CONTEMPLA
CONTEMPORANEIDADE	CONTEMPLA	CONTEMPLA	CONTEMPLA

FONTE: Autor da pesquisa, 2012.

Este capítulo tratou de explorar variadas tipologias no que se diz respeito a espaços expositivos, como diversas técnicas e soluções, afim de contribuir na elaboração do anteprojeto a ser proposto.

CAPÍTULO 3.0 – ESTUDO DA ÁREA

Neste capítulo, serão abordados os estudos do bairro e do terreno, bem como uma análise de seu entorno, exaltando suas relações e interferência com a aplicação das leis e normas vigentes para a área escolhida.

3.1 DIAGNÓSTICO URBANÍSTICO DA RPA 03

A área está localizada na região político administrativa 03 (RPA3) e na unidade urbana 3.1 (Fig. 27) pertence a zona especial de proteção ambiental (ZEPA) que também está dentro da lei dos doze bairros, e enquadrado na área de reestruturação urbana (ARU), no setor de reestruturação urbana 3 (SRU).

O setor de reestruturação urbana 3 (SRU), configura-se como área que margeia o Rio Capibaribe e apresenta tipologia predominantemente residencial, requerendo parâmetros urbanísticos capazes de conservar elementos singulares ainda existentes em termos de sua paisagem natural.



FIGURA 27: Mapa da RPA 3, situando o bairro do Monteiro.

FONTE: www.prefeituradorecife.gov.pe.rpa3, 2012.

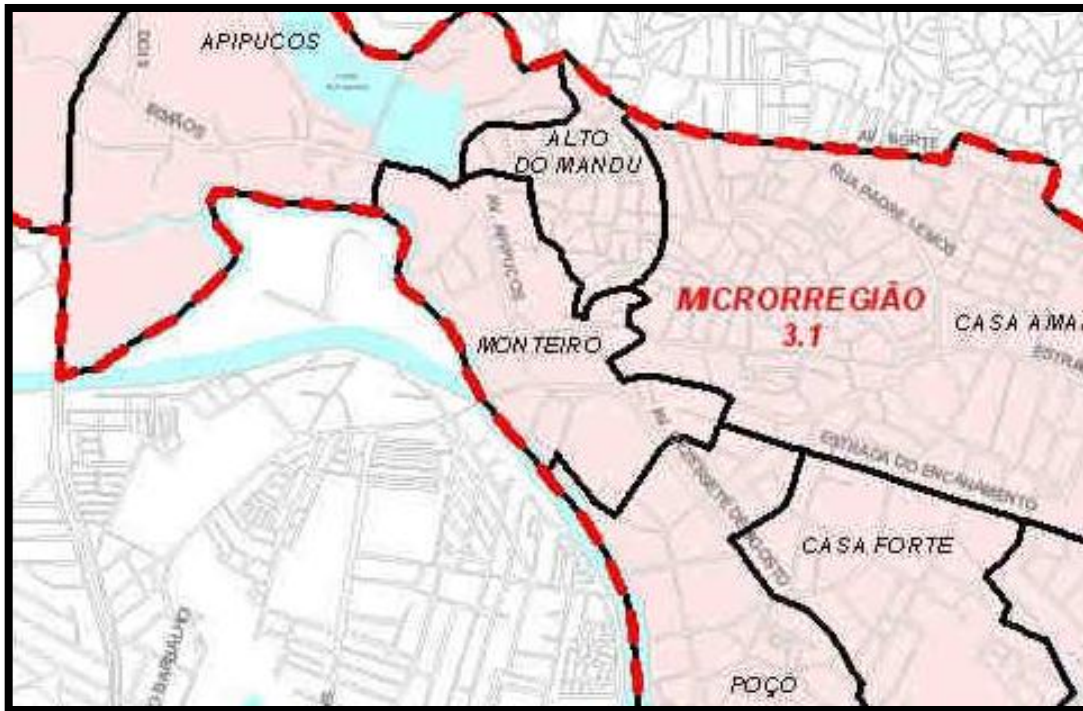


FIGURA 28: Situação do bairro do Monteiro na microrregião 3.1, RPA 3.
FONTE: www.prefeituradorecife.gov.pe.rpa3, 2012.



FIGURA 29: Fotografia aérea do bairro do Monteiro e arredores.
FONTE: www.prefeituradorecife.gov.pe.rpa3, 2012.

3.2 ÁREA OBJETO E CONDICIONANTES LEGAIS

O terreno está localizado na Av. Apipucos, 687, bairro do Monteiro Recife, Pernambuco, (Fig. 30) se encontra na região político administrativa 3 (RPA3) mais precisamente na microrregião 3.1, segundo dados da prefeitura do Recife. É um terreno de natureza plana que possui cerca de 10.350 m², margeia o rio Capibaribe em sua parte posterior e avança até Rua de Apipucos.

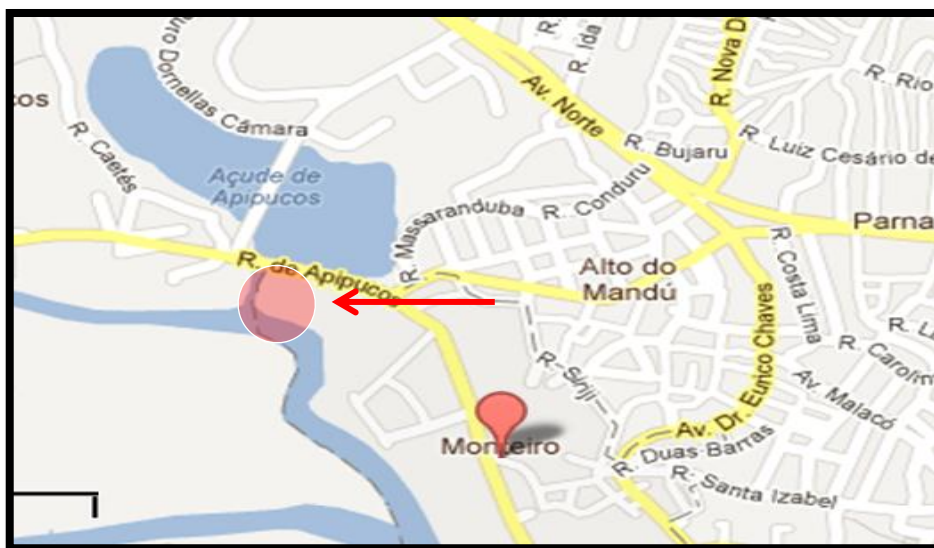


FIGURA 30: Mapa com Localização do terreno e vias
FONTE: <http://maps.google.com.br/>, 2012

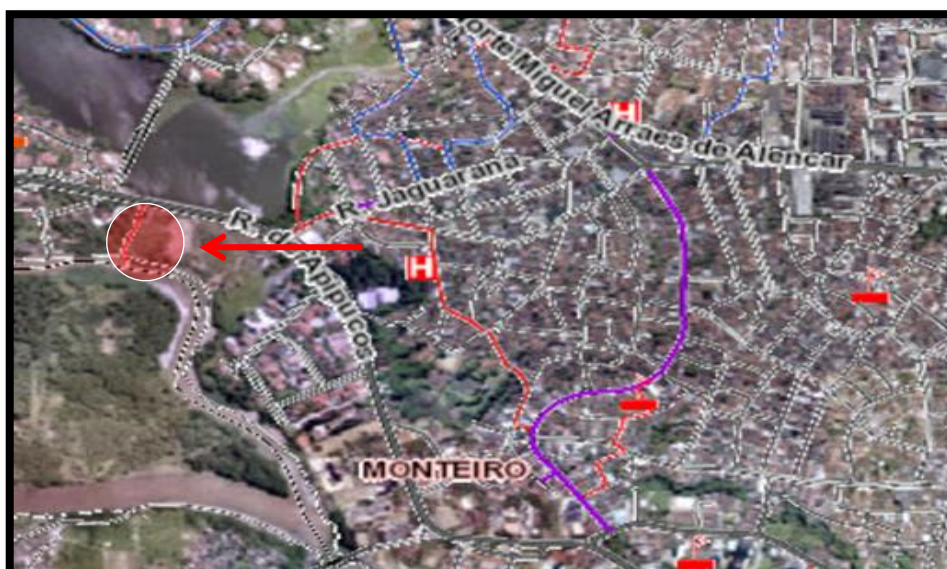


FIGURA 31: Terreno marcado em vermelho e entorno
FONTE: <http://www.recife.pe.gov.br/ESIG/>, 2012.

Sendo parte integrante da lei dos doze bairros, o terreno está situado na (SRU 3), dentro destes parâmetros, sua taxa de solo natural deve ser no mínimo 60% e o potencial construtivo igual a dois, de modo que a legislação da prefeitura do Recife datada de 2001 (lei dos doze bairros) visa proteger e assegurar a paisagem natural, bem como o uso comum dos espaços em benefício da população. Ou seja, a legislação favorece o interesse do projeto.

O terreno (Fig. 33) fica próximo de vias de grande tráfego, como a Av. 17 de Agosto, Av. Apipucos e Estrada das Ubaias, também está muito próximo da BR 232, entrada e saída da cidade. Dentre outros fatores, a escolha deste terreno se dá pela expansão do eixo sociocultural na zona norte da cidade, como também na busca por um diálogo entre a paisagem natural presente em seu entorno e o futuro espaço construído.



FIGURA 32: Vista aérea do terreno, açude e Rio Capibaribe.

FONTE: <http://www.recife.pe.gov.br/ESIG/>, 2012



FIGURA 33: Terreno com marcação em vermelho.
FONTE: blog.arq.com,2012.



FIGURA 34: Vista aérea do terreno
FONTE: blog.arq.com,2012.

3.3 CONDICIONANTES SÓCIO- AMBIENTAIS

O Monteiro faz divisa com os bairros de Casa Forte, Apipucos, Poço da Panela e Alto do Mandú. Sendo o ultimo citado o único que possui o relevo

predominantemente acidentado, constituído por morros e planaltos. Nas mediações dos bairros de Apipucos e Monteiro existe o açude de Apipucos, este é grande elemento natural que enaltece a reserva ecológica local, é também ponto de visada do terreno escolhido.

Reconhecido por ser um bairro predominantemente residencial, possui uma tipologia caracterizada pelo baixo índice de verticalização, apresenta alguns exemplares de edificações históricas, em estilo eclético e colonial, como a casa do grande sociólogo Gilberto Freyre (Fig. 39), e do antigo governador do estado de Pernambuco Cid Sampaio, dentre outras representativas encontrada nas mediações.



FIGURA 35: Vista aérea do terreno com entorno
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012.



FIGURA 36: Vista do terreno e arredores
FONTE: Autor da Pesquisa, 2012.



FIGURA 37: Vista do açude para o Terreno.
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012

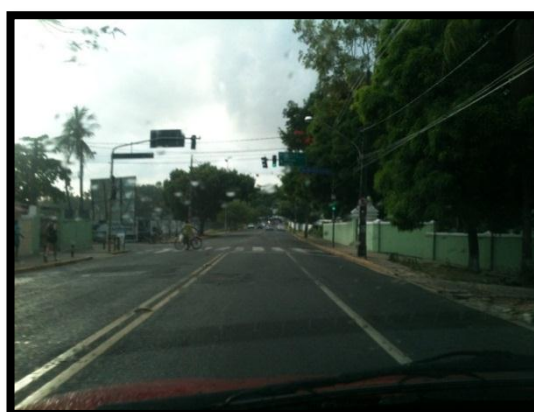


FIGURA 38: Vista da Rua de Apipucos em direção ao terreno à direita
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012.



FIGURA 39: Residência de Gilberto Freyre.
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012

3.4 NORMAS E LEGISLAÇÃO

A área localizada na região político administrativa 03 (RPA3) e na unidade urbana 3.1 pertence a zona especial de proteção ambiental (ZEPA) também dentro da lei dos doze bairros, e enquadrado na área de reestruturação urbana (ARU), no setor de reestruturação urbana 3 (SRU).

Tem como condicionantes, taxa de solo natural igual a 60%, fazendo com que 6.210,00 m² do terreno seja destinada a área verde. Possui potencial construtivo igual a 2, e a altura máxima da edificação pode chegar até 24 metros.

Devido rio capibaribe margear o terreno, deve prevalecer afastamentos frontais e posteriores de 15 metros e laterais de 3 metros. Segundo a lei dos doze bairros (Fig. 40), para uso comum, não habitacional deve-se projetar 1 vaga a cada 50m² de área construída.

Quanto aos reservatórios de água inferior e superior, resulta em 30.000 mil litros, sendo o calculo de 40 litros por pessoa. No qual 1/3 deste total é destinado ao reservatório inferior mais 20% referente a taxa dos bombeiros, de acordo com a norma do corpo de bombeiro do Estado de Pernambuco.

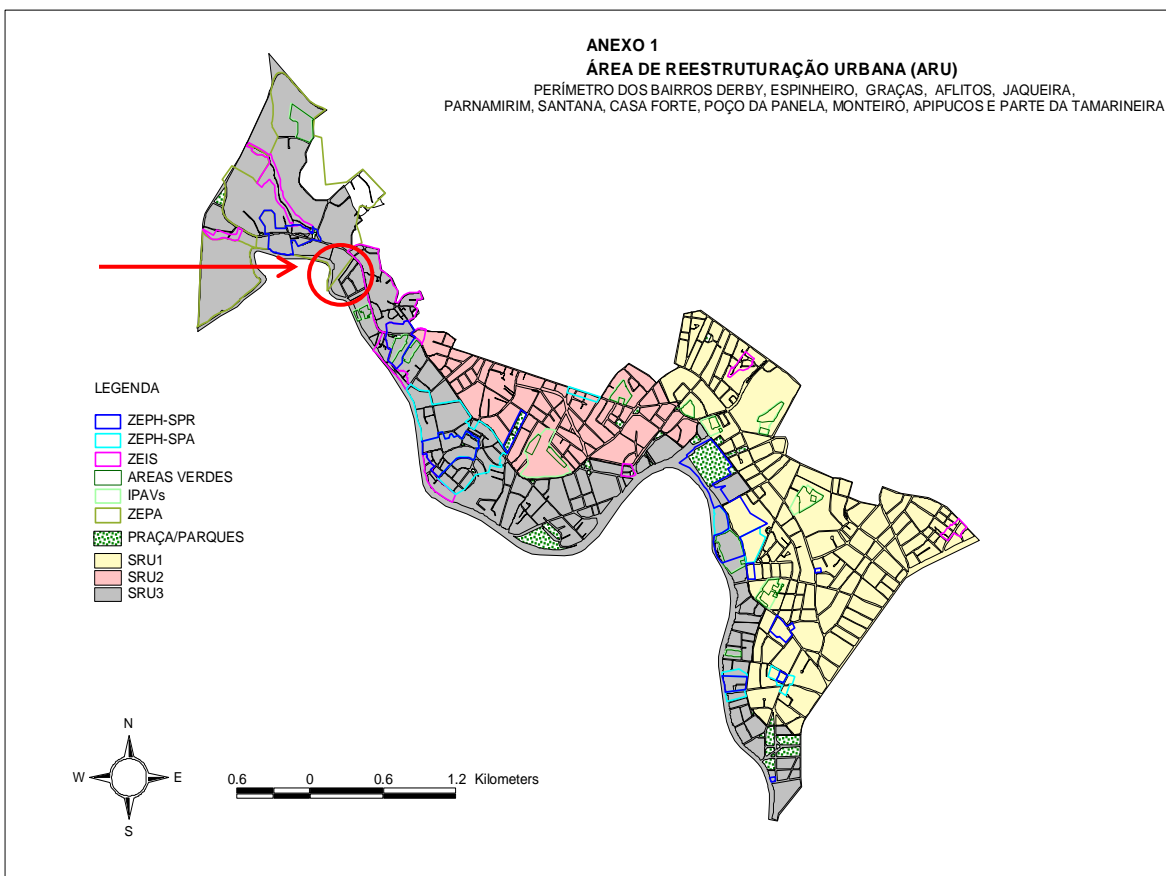


FIGURA 40: Mapa referente a Lei dos Doze Bairros
FONTE: www.prefeituradorecife.org.br, 2012

CAPÍTULO 4.0 - PROPOSTA - ANTEPROJETO DO ESPAÇO CULTURAL

Este capítulo aborda os condicionantes físicos espaciais referentes a área do terreno, bem como as etapas projetuais que antecedem as definições do projeto arquitetônico do Espaço Cultural.

4.1 ÁREA DO OBJETO DE ESTUDO – CONDICIONANTES CLIMÁTICOS

Dotado de um entorno privilegiado, o terreno está localizado as margens do rio Capibaribe, vista esta que é de suma importância ao projeto arquitetônico, possui grande riqueza paisagística devido sua situação em um bairro do recife de natureza preservada, as margens do açude de apipucos trazem ao terreno mais um potencial a ser salientado na edificação.

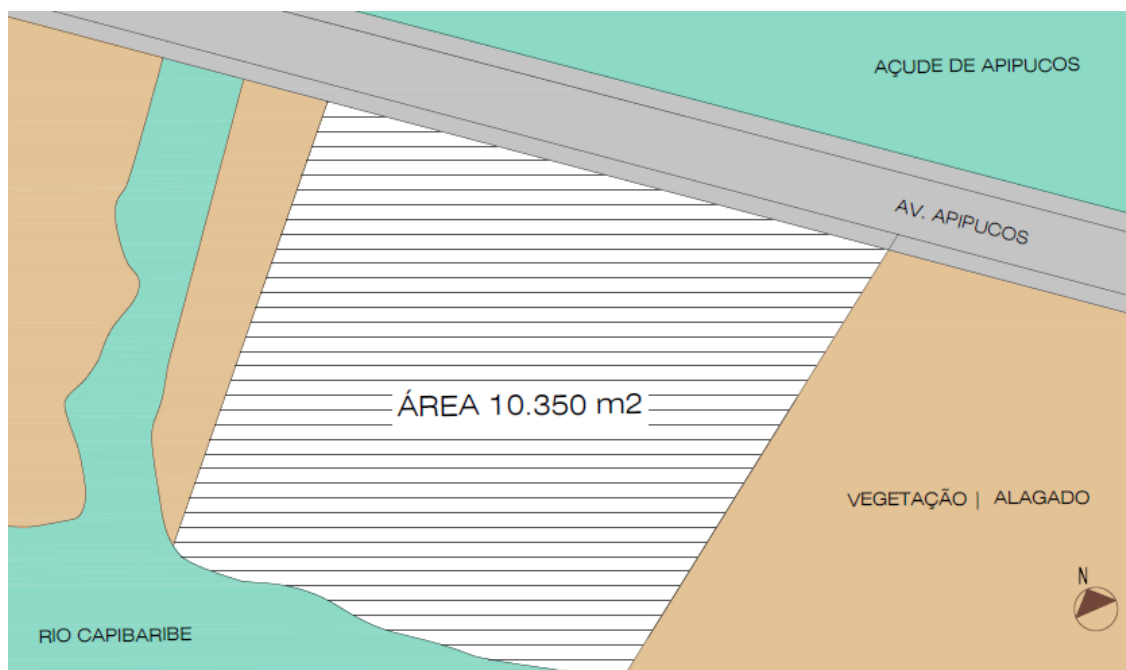


FIGURA 41: Esquema da área do objeto e situação do terreno
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012

4.2. IMPLANTAÇÃO E ZONEAMENTO

O estudo inicial da volumetria teve como princípio norteador a posição e localização do terreno, bem como o entorno ribeirinho, deste modo foi demarcado dois grandes eixos no que seriam os principais pontos de visada da edificação, sendo estes o rio na parte posterior do terreno e uma grande vegetação com o rio mais ao fundo. Outro eixo de visibilidade é posicionado na perpendicular à principal via, vista essa captada pelo transeunte ao passar na Av. Apipucos.

Fruto da união de dois grandes volumes prismáticos, a edificação é de fácil legibilidade tanto pela forma simples, definida pelos eixos ortogonais, quanto pela definição dos acessos aos setores social e serviço. Ver figura 43.

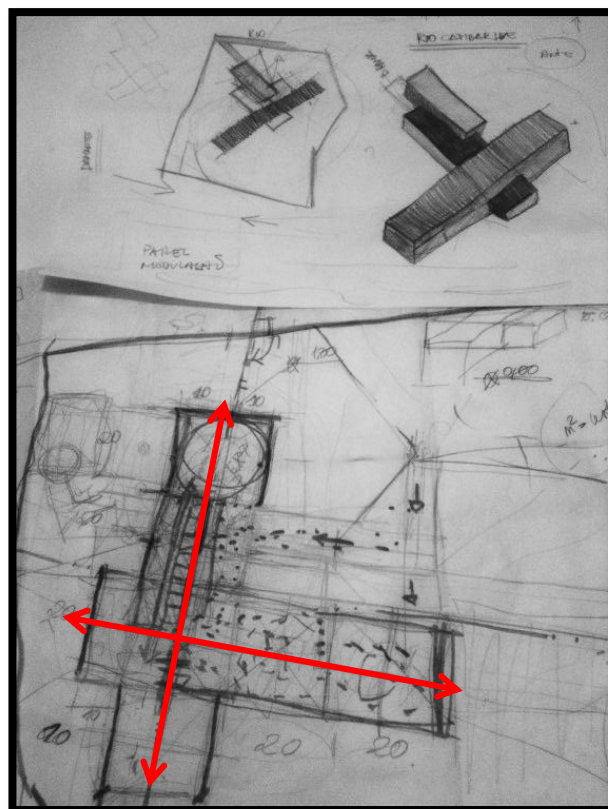


FIGURA 42: desenhos realizados na definição da implantação e setorização

FONTE: Autor da Pesquisa. 2012

A figura 43 mostra o posicionamento das áreas, divididas por setores, sendo estes, serviço, administrativo e social, sendo cada área respectiva na figura proporcional a seu tamanho na planta, desta maneira os ambientes foram ordenados seguindo essa lógica espacial. Em seguida na figura 44, os fluxos definidos segundo a divisão espacial, nesta dispõem os acessos de serviço e publico, bem como definição dos percursos dentro da edificação.



FIGURA 43: Esquema da implantação, zoneamento e agenciamento

FONTE: Autor da Pesquisa. 2012



LEGENDA

■	ESTACIONAMENTO
■	SETOR DE SERVIÇO
■	SETOR ADMINISTRATIVO
■	SETOR SOCIAL ÁREA EXPOSITIVA

FIGURA 44: Setorização e fluxos da edificação
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012

4.3 PROGRAMA E DIMENSIONAMENTO

As informações presentes no quadro 02 são baseadas nas legislações e normas vigentes tais como: Lei de uso e ocupação do solo, Plano diretor, Lei de acessibilidade NBR9050, Lei de instalações hidro sanitárias EMLURBE, Lei de edificações e instalações bem como todo o dimensionamento dos ambientes presentes nessa proposta se enquadram nas leis acima citadas.

QUADRO 02 : programa e pré-dimensionamento.

• Setor social	
Sala de exposição temporária	710,00 m ²
Sala de exposição permanente	450,00 m ²
Sala polivalente	200,00 m ²
Foyer	80,00 m ²
Banheiros Masculino e Feminino	75,00 m ²
Restaurante / Café	150,00 m ²
Loja	40,00 m ²
• Setor de serviço	
Reserva técnica	100,00 m ²
Depósito	22,00 m ²
Acesso serviço	40,00 m ²
Banheiros / Vestiário	65,00 m ²
Apoio funcionários	28,00 m ²
D. M. L.	10,00 m ²
Controle	10,00 m ²
• Setor administrativo	
Recepção	38,00 m ²
Diretoria	35,00 m ²
Sala de reunião	65,00 m ²
Sala administrativo	40,00 m ²
Arquivo	20,00 m ²
Banheiros	40,00 m ²
D. M. L.	10,00 m ²



TOTAL	2.235 m ²
-------	----------------------

QUADRO 02 : programa e pré-dimensionamento.

FONTE: Autor da pesquisa, 2012.

4.4 MEMORIAL ARQUITETÔNICO – O PARTIDO

O CENTRO CULTURAL, à medida do seu desenvolvimento projetual assume o nome de Espaço Plural, devido as diversas possibilidades e peculiaridades que poderão ser encontradas nos espaços concebidos.

Pensando-se na dimensão da dinâmica cultural local, foram gerados espaços dotados de uma infraestrutura e de um pensamento funcional, estes espaços são amplos e generosos, capazes de receber os mais diversos tipos de formatos expositivo. Os estudos de caso contribuíram na análise e consequente definição desses critérios.

A implantação no cento do terreno, e a sua posição perpendicular à principal via, garante ao transeunte vislumbrar a forte presença construtiva do seu volume e a sua relação com o meio ambiente já que esses eixos foram definidos pelo contexto natural do entorno.

Com intuito de tornar a paisagem construída mais leve e menos comprometedora com o meio ambiente, a edificação foi erguida um metro do nível zero, favorecendo a visibilidade da paisagem natural e seu entorno.

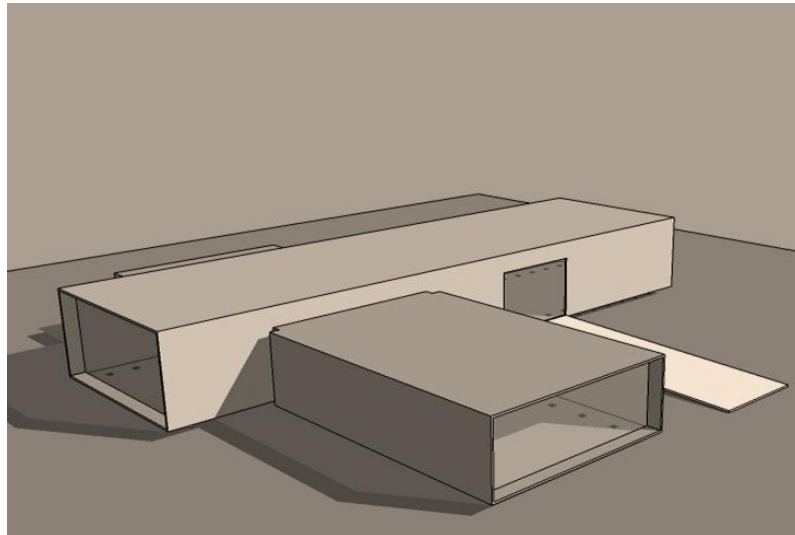


FIGURA 45: Perspectiva volumétrica
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012

O volume da edificação, fruto da inserção de dois volumes retangulares prismáticos, de fácil legibilidade formal e espacial, tanto pela forma simples, definidas pelos eixos ortogonais, eixos geradores do partido inicial, quanto pela definição dos acessos social e de serviço. Outra real facilidade desta volumetria é a possibilidade de acréscimos e usos externos, sem interferência com a edificação, o que não é possível em partidos orgânicos.

O centro cultural compõem-se de um jogo de prismas sobrepostos sendo um deles com pavimentos duplos, os 9,00 metros de altura e o vão de 20,00 metros garantem grandes instalações e os mais variados tipos de eventos relacionados a interação e exaltação cultural.

O acesso à edificação é dada por uma larga rampa, que convida o pedestre para adentrar de maneira suave devido a inclinação adequada para acessibilidade. A grande portada pivotante denuncia o funcionamento do espaço cultural,

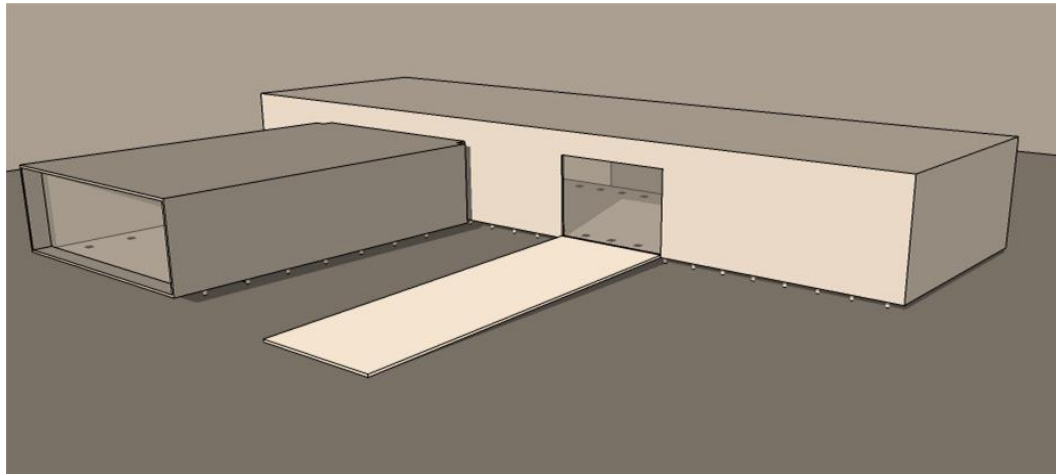


FIGURA 46: Perspectiva volumétrica, rampa de acesso e volume lateral que arremata com grande pando de vidro, fazendo alusão a enquadrar a paisagem
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012.

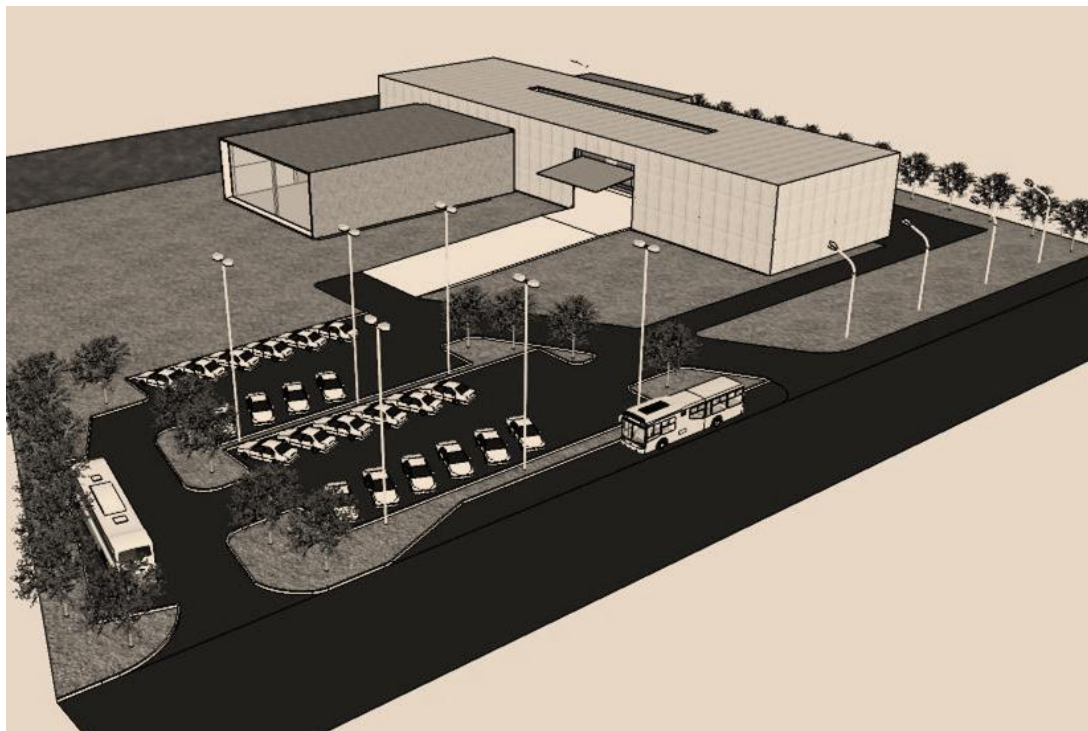


FIGURA 47: Perspectiva aérea do espaço cultural.
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012



FIGURA 48:, vista do estacionamento para o acesso do espaço cultural
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012

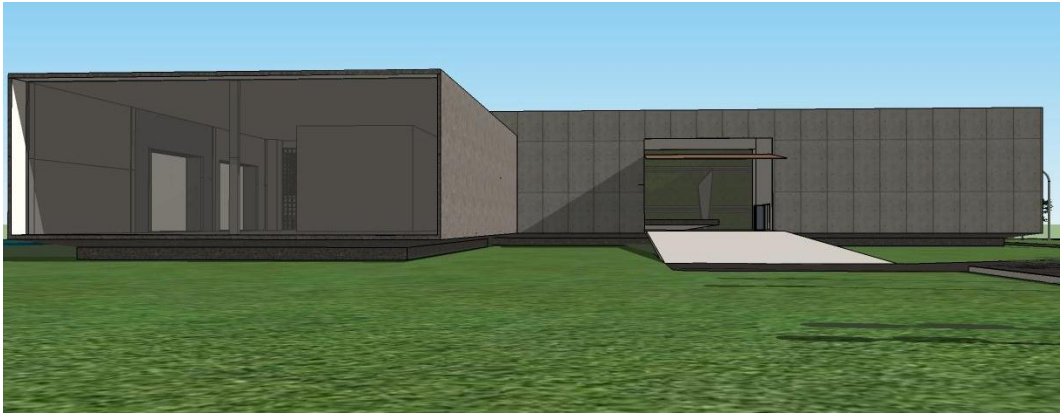


FIGURA 49:, vista da rampa de entrada, acesso visitantes ao hall / foyer.
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012



FIGURA 50: Perspectiva aérea, lateral para o Rio Capibaribe.
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012

Ao adentrar na edificação o expectador é logo atraído por um parede com um grande paisagismo vertical composto por espécies de samambaias, situado no vazio existente no centro da edificação, este cenário se torna plano de fundo para algumas esculturas e para o grande banco e mesa de concreto, utilizado como atendimento e guarda volumes.

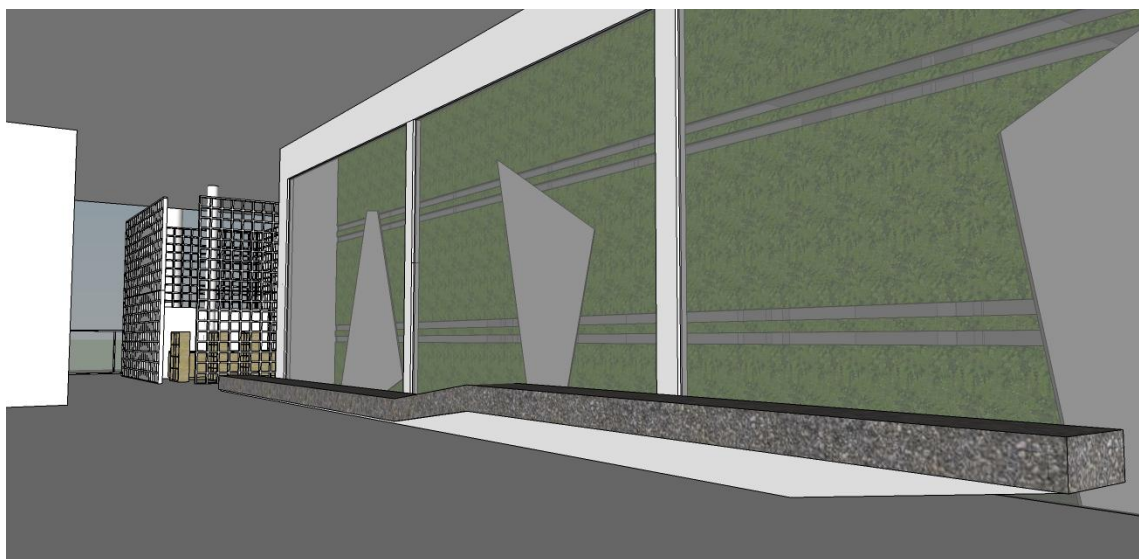


FIGURA 51:, Vista do hall / foyer com banco e bancada de informações.
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012

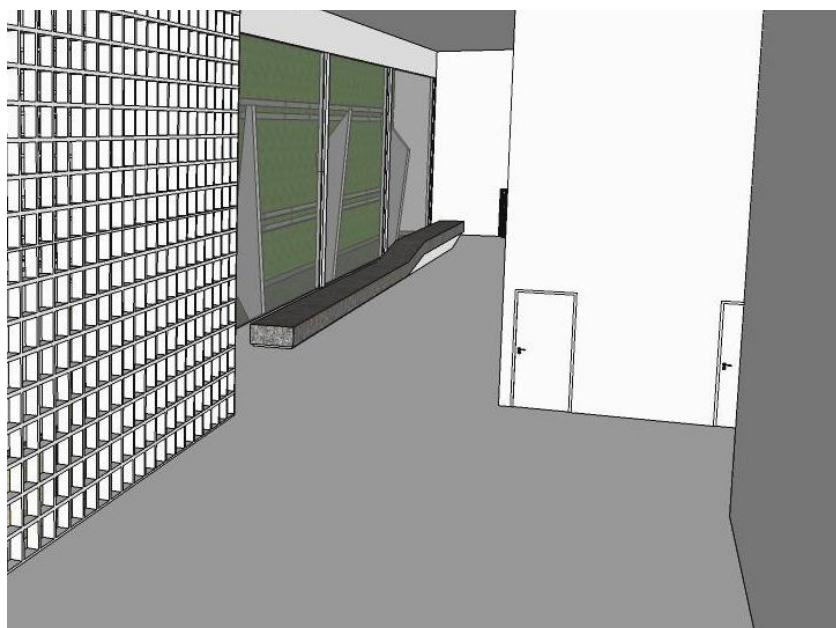


FIGURA 52:, Vista do hall, a frente painel de vidro e led, ao fundo foyer com banco e bancada de informações.

FONTE: Autor da Pesquisa. 2012

Continuando o percurso no grande hall/foyer, a direita a sala de exposição permanente, e a esquerda uma outra grande sala de exposição temporária que pode ser dividida em duas ou três configurações de exposição independentes, este espaço também dispõe de uma sala de audiovisual, a frente a bateria de banheiros, e finalizando um fluxo de visitação ou não, em um cyber-café com loja, estes possuem divisórias em esquadria de aço com condutores de led sobre uma pele de vidro translucido que possibilita a projeção de imagens nesta superfície. Ao fundo, o terraço contemplativo que avança até as margens do Rio Capibaribe.

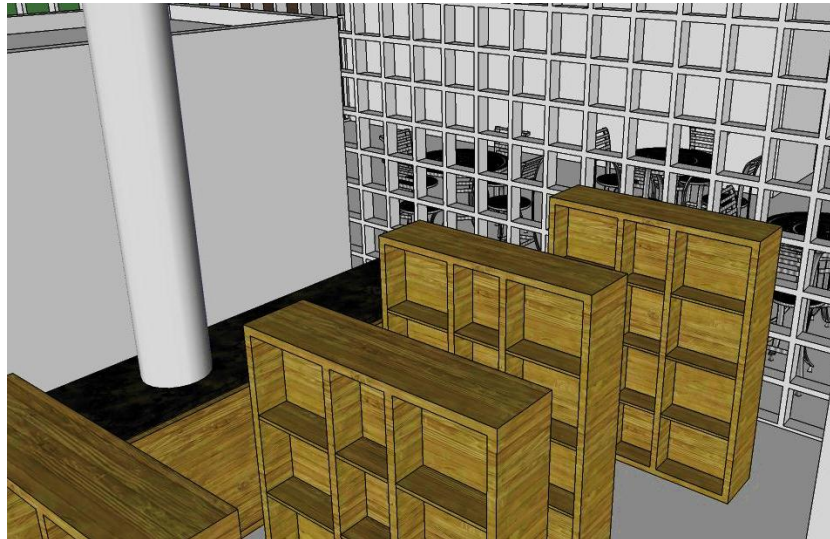


FIGURA 53: Vista interna da loja, painel de vidro e Led ao fundo
FONTE: Autor da Pesquisa. 2012

Ainda no térreo, o programa destinado para o serviço conta com dois acessos sendo um para chegada de peças, e outro para funcionários, iniciando com uma guarita que da abertura a um hall com elevador e escada, a frente os banheiros e vestiários, descanso dos funcionários, e no canto direito a quarentena, espécie de sala onde são armazenadas algumas obras e materiais de manutenção interna. O primeiro pavimento foi destinado ao setor administrativo, com recepção, administração, diretoria, sala de reunião e bateria de banheiros.

Os diversos tipos de formatos expositivos devem encontrar inúmeras possibilidades espaciais, de modo que os espaços foram pensados a fim de obter uma diversidade de propostas, relacionando a iluminação com o uso ou não da iluminação natural, é o caso das grandes caixas de vidro presentes na sala de exposição temporária, que podem ser fechadas por uma grande divisória de placa de madeira com lã de rocha formando uma vitrine para o externo.

Para uma acústica eficaz dentro da edificação foram utilizados alguns materiais visando essa preocupação, como a lã de rocha revestindo parte interna das portas esquadrias e divisórias, o uso do gesso acartonado como forro de todas as lajes, e a chapa de concreto perfurada que é um bom isolante acústico.



Vale salientar que toda a edificação é provida de iluminação e ventilação natural, no entanto as salas de exposição possuem sistema de ar condicionado a fim de obter os diversos resultados e configurações expositivas.

Ver plantas anexadas ao trabalho



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de uma compreensão da relação cultura e espaços culturais, observou-se uma ruptura destes conceitos, não valorizando a importância da interação entre os mesmos para a criação de um espaço que atenda a diversidade e as peculiaridades existentes na dinâmica cultural.

No desenvolvimento da pesquisa verificou-se que a sociedade contemporânea procura novas experiências, espaços arquitetônicos sensitivos e intelectuais, que se mostrem de maneira diferenciada. Cada vez mais as pessoas querem conhecer a realidade de cada lugar, saber o que aquela região tem para mostrar, e buscam se impressionar pelo modo como estão vendo. Dentro deste prisma, não se pode esquecer que os espaços culturais só serão atraentes e bons se forem em primeiro lugar honestos e verdadeiramente representativos da sua cultura e de seu meio.

A ideia de espaço cultural contemporâneo é uma proposta de um espaço aberto, livre, de fácil diálogo com espectador e com o meio. É com este enfoque que esta proposta é defendida.

Enquadrados neste conceito da contemporaneidade arquitetônica, os estudos de caso ressaltaram espaços que de algum modo se coadunam, seja no programa, na sua forma, ou simplesmente em alguma peculiaridade encontrada. Esta constatação contribuiu para a proposta desenvolvida.

No decorrer do presente trabalho, chegou-se a conclusão que a imagem espacial que se apresenta para o usuário de um determinado espaço é resultado de um processo de interação entre esse observador e o ambiente. A realidade final do espaço pode variar entre os observadores, mas o processo de construção dessa imagem pode ser conceitualmente generalizado e decomposto em três elementos: identidade, estrutura e significado.

A identidade diz respeito a um objeto em separado e com características próprias, que levam o observador a reconhecê-lo ou não. A estrutura consiste na relação espacial que o objeto mantém com o observador, com os outros objetos e com o



espaço como um todo. Por fim, esse objeto ou espaço deve ter algum significado para o observador, seja ele prático ou emocional. Assim, deve haver um vínculo de identificação e reconhecimento na relação dos usuários com o ambiente e os objetos que o compõem.

Para que esse processo de interação e reconhecimento se dê em toda a sua plenitude, o ambiente construído deve ser estruturado de modo a proporcionar condições adequadas a todos os seus usuários, o que implica considerar as especificidades daquele lugar para que essa interação seja inerente ao observador.

Para que este processo de interação seja alcançado em sua plenitude, o ambiente deve ser estruturado de modo a proporcionar condições adequadas a todos os seus usuários, o que implica considerar as especificidades do usuário, nesse sentido são determinantes os aspectos contemplados sob a noção de acessibilidade.

Desse modo, o ambiente construído deve ser concebido de maneira a atender às necessidades específicas de cada usuário, garantindo-lhes segurança, conforto e autonomia no uso dos espaços e dos seus equipamentos. Isso implica que os ambientes não apenas devem ser livres de quaisquer barreiras que limitem ou impeçam o acesso e a circulação desses usuários em particular, mas também devem lhes dar atenção diferenciada na forma de instalações e assentos de uso preferencial, sinalizações e informações de fácil entendimento, entre tantas outras medidas que possam favorecer sua inclusão social.

Contudo espera-se ter conseguido alcançar o objetivo central do trabalho que é a realização do anteprojeto de um espaço cultural de arte contemporânea relacionados ao desafio de obter um espaço funcional, cuja proposta arquitetônica possa contribuir para atender as necessidades relacionadas a uma arquitetura que a identifique e divulgue a cultura local para que assim possa ser internacional

REFERÊNCIAS

RAMOS, Arthur. **As Culturas**, Edt. civilização Brasileira, São Paulo. 2007.

JORDIDIO, Philip **Achitecture now**, Edt. Tachen, São Paulo, 2010.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. 1ª edição, São Paulo. Iluminuras, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura política e política cultural**. São Paulo: Estudos Avançados 9(23), 1995, p.71-84.

FERRAZ, Marcelo Carvalho, **Arquitetura Conversável**. 1ª edição, Rio de Janeiro, edt. Azogue, 2011.

SUDJIC, Deyan, **A Linguagem das coisas**. Rio de Janeiro. Edt. Intrínseca, 2010.

SEGRE, Roberto, **Museus Brasileiros**, Rio de Janeiro. Edt. Viana & Mosley, 2010

TAYLOR, Edward. **História da cultura** Biografia, 1872.

MONTANER, Josep M. **Museus para o século XXI**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

QUEIROZ, Rodrigo (org.). **Arquitetura de museus: textos e projetos**. São Paulo: FAU-USP, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). ABNT-NBR 9050 **acessibilidade** . Rio de Janeiro, ABNT, setembro de 2002.

Revista Eletrônica Jovem Museologia – Estudos sobre Museus, Museologia e Patrimônio Ano 01, nº. 02, agosto de 2006.

ANEXOS

AREA DE RESTRUTURAÇÃO URBANA (ARU)

(Lei dos Doze Bairros)

CAPÍTULO I DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º - Fica criada a Área de Reestruturação Urbana - ARU - composta pelos bairros Derby, Espinheiro, Graças, Aflitos, Jaqueira, Parnamirim, Santana, Casa Forte, Poço da Panela, Monteiro, Apipucos e parte do bairro Tamarineira -, cujas condições de uso e ocupação do solo obedecerão às normas estabelecidas nesta Lei, em consonância com as diretrizes contidas na Lei Orgânica do Município - LOMR e no Plano Diretor de Desenvolvimento da Cidade do Recife PDCR, e cujo perímetro está delimitado no Anexo 1 e descrito no Anexo 2-A desta Lei.

Art. 2º - As disposições desta Lei aplicam-se às obras de infra-estrutura, urbanização, reurbanização, construção, reconstrução, reforma e ampliação de edificações, instalação de usos e atividades, inclusive aprovação de projetos, concessão de licenças de construção, de alvarás de localização e de funcionamento, habite-se, aceite-se e certidões.

CAPÍTULO II DOS OBJETIVOS

Art. 4º - A Área de Reestruturação Urbana tem como objetivos:

I - requalificar o espaço urbano coletivo;

II - permitir a convivência de usos múltiplos no território da ARU, respeitados os limites que estabelece;

III - condicionar o uso e a ocupação do solo à oferta de infra-estrutura instalada, à tipologia arquitetônica e à paisagem urbana existentes;

IV - definir e proteger áreas que serão objeto de tratamento especial em função das condições ambientais, do valor paisagístico, histórico e cultural e da condição sócio-econômica de seus habitantes;

V - respeitar as configurações morfológicas, tipológicas e demais características específicas das diversas localidades da ARU.

CAPÍTULO III DA DIVISÃO TERRITORIAL

Art. 5º - A Área de Reestruturação Urbana está dividida em duas zonas:

I - ZONA DE REESTRUTURAÇÃO URBANA - ZRU;

II - ZONAS DE DIRETRIZES ESPECÍFICAS - ZDE.

Seção I

Da Zona de Reestruturação Urbana

Art. 6º - A Zona de Reestruturação Urbana é composta por setores cujo adensamento deve ser compatível com as características físicas e ambientais, sendo classificadas em:

I - Setor de Reestruturação Urbana 1 - SRU1;

II - Setor de Reestruturação Urbana 2 - SRU2;

III - Setor de Reestruturação Urbana 3 - SRU3;

§ 3º - O Setor de Reestruturação Urbana 3 configura-se como área que margeia o Rio Capibaribe e apresenta tipologia predominantemente unifamiliar, requerendo parâmetros urbanísticos capazes de conservar elementos singulares ainda existentes em termos de sua paisagem natural.

PARÂMETROS URBANÍSTICOS

Categoria de dimensionamento das vias	Gabarito (metros lineares)	Afastamentos iniciais mínimos (Af)*			SRU1		SRU2		SRU3**	
		Frontal***	Lateral e fundos		TSN (%)	μ	TSN (%)	μ	TSN (%)	μ
			Ed. ≤ 2 pavtos.	Ed. > 2 pavtos.						
A	≤ 60	7,00	nulo/1,50	3,00	30	3,50	50	3,00	60	2,00
B	≤ 48	7,00	nulo/1,50	3,00	30	3,00	50	2,50	60	2,00
C	≤ 24	7,00	nulo/1,50	3,00	30	2,50	50	1,50	60	2,00

* O afastamento frontal inicial para as edificações com até dois pavimentos é de 5 (cinco) metros, independente da Categoria de dimensionamento da via.

** No SRU3, independentemente da Categoria de dimensionamento da via, só serão permitidas edificações com até 24m (vinte e quatro metros) de gabarito máximo.

*** Na Avenida Beira Rio (projetada), Conselheiro Rosa e Silva, Rui Barbosa, Parnamirim, 17 de Agosto, Estrada do Encanamento e estrada do Arraial, o afastamento frontal não poderá ser inferior a 8 (oito) metros.